



O ASPECTO DE TRIANGULARIDADE COMO RECURSO ESTILÍSTICO/LITERÁRIO NA CONSTRUÇÃO DO CONTO *A PARASITA AZUL* DE MACHADO DE ASSIS

George Patrick do Nascimento

Mestrando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

geo.patrick@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo principal discorrer sobre as manifestações que se mostram evidentes e subentendidas, de aspecto triangular, que perpassam o conto machadiano “A parasita azul”. De modo a perceber como ocorre a construção estilístico/literária dessa narrativa por meio da associação intrínseca que envolve certos elementos e termos em quantidade tripla. Para tanto, a fim de teorizar o fazer artístico de Machado de Assis, recorrer-se-á as postulações de autores como Massa (1971), Matos (1997), Bosi (1999), Candido (2011) e Lenzi (2015), dentre outros autores, que comentam, direta ou indiretamente, sobre a maestria machadiana na elaboração das narrativas curtas, desde a criação de personagens até a temática conteudística de suas produções. Nas considerações finais, percebe-se que o conto em questão corresponde a uma produção de crítica social velada, uma vez que Machado de Assis necessita agradar o público específico que lia seus textos, os quais eram publicados, normalmente, em jornais tradicionais e de família, conforme o contexto histórico e social dele.

Palavras-chave: A parasita azul, Conto machadiano, Triângulo.

1. INTRODUÇÃO

Machado de Assis é, de longe, um dos maiores escritores da Literatura Brasileira. Sua maestria como escritor ficou também evidenciada em muitos dos seus contos, até mesmo nos primeiros a serem publicados, ainda de caráter um tanto quanto modesto (em aspecto de criticidade vindoura que esse autor desempenharia nas suas demais produções), como os das coletâneas *Contos fluminenses* (1869) e *Histórias da meia-noite* (1873).

Nessas duas coletâneas, nota-se uma temática recorrente sobre *status* social, seja através do enlace do matrimônio casamenteiro ou não (BOSI, 1999). Nesse sentido, esse trabalho busca discorrer sobre o conto *A parasita azul*, pertencente ao livro *Histórias da meia-noite*, a fim de



discorrer sobre o jogo de interesses das personagens na busca ou permanência de um *status* social do indivíduo brasileiro nos textos machadianos. Todavia, demonstrando uma forte manifestação do aspecto de triangularidade em elementos criativos/textuais desenvolvidos pelo autor na construção desse texto. Na verdade, há muitos outros recursos estilísticos presentes nesse conto e em outros de Machado de Assis, como nos informa Matos (1997, p. 13):

Além desses, vemos outros recursos no modo como o autor arma os contos. Não são propriamente recursos mecânicos, são atitudes de espírito que não deixam de ser, no entanto, meios técnicos, meios psicológicos de prender a atenção. Um dos mais constantes é a surpresa: surpreende o leitor ao iniciar o conto; surpreende pela originalidade em conduzir a narrativa; surpreende pelas ideias; surpreende pelos episódios esdrúxulos e, ordinariamente, surpreende, enfim, pelo desfecho.

Dessa forma, o leitor vai sendo levado de surpresa em surpresa pela forma como o narrador conta a história. Matos (op. cit.) informa, inclusive, que no conto *A parasita azul* o desfecho também é inesperado. Talvez pelo fato de Leandro Soares não matar o herói do conto graças à exímia retórica deste, ou talvez por se descobrir que a princesa russa, mencionada no início da história, era uma golpista, de forma que Camilo teve, assim, um livramento ao vir, contra a vontade, para o Brasil.

Enfim, são muitos os recursos estilísticos a serem percebidos nas produções de Machado de Assis, sendo algumas mais recorrentes do que outras, bem como nomes de personagens mais recorrentes do que outros. Cabe aos estudiosos e apreciadores em geral da literatura machadiana perceber essas engenhosidades artísticas desse importante escritor brasileiro.

2. METODOLOGIA

Como mencionado, o presente artigo busca relatar pormenorização do conto *A parasita azul*, de Machado de Assis, de modo a evidenciar a recorrência do aspecto de triangularidade na construção e comparação de frases, personagens, objetos, lugares, coisas e demais ocorrências textuais no desenvolvimento da referida narrativa.

Para tanto, neste trabalho de caráter qualitativo e bibliográfico, utilizar-se-á das postulações de estudiosos como Massa (1971), Matos (1997), Bosi (1999), Candido (2011) e Lenzi (2015) que



discorrem, enfaticamente ou não, sobre as produções machadianas e sua engenhosidade escrita. Além da utilização de outros autores que se façam pertinentes nessa discussão.

3. A PARASITA AZUL

A obra *A parasita azul* oscila, por vezes, segundo certos estudiosos, entre um texto da modalidade novela e/ou conto. Entretanto, não cabe aqui essa discussão, e sim somente analisar, de forma ainda singela, acerca da temática conteudística dessa narrativa, bem como sobre a engenhosidade estético/literária necessária para a sua elaboração, no que tange respeito à manifestação do aspecto de triangularidade.

Fazendo um breve resumo desta produção, sabe-se que esse conto narra a história de um jovem rapaz, de nome Camilo, que, em um certo momento de sua vida, se vê deslumbrado pelas terras europeias, mesmo sendo brasileiro. Tal fascinação se dá em virtude da graduação em Medicina que ele faz na França. Nesse país, durante sua estadia, além de uma vida extremamente boêmia, ele acaba se apaixonando por uma duvidosa princesa russa, ou seja, uma mulher de status social questionável. Todavia, ameaçado de perder as remunerações que o pai mandava corriqueiramente para o custeio de sua vida na França, Camilo é forçado a regressar para o Brasil. Nesse novo momento de sua vida, ele demonstra um certo interesse ou nova paixão por uma jovem moça de beleza admirável (Isabel) que vive em sua cidade de origem: Santa Luzia, no estado de Goiás. Essa mulher se mostra resistente ou indiferente a ele e a todos os pretendentes anteriores que ela teve, inclusive ao melhor amigo de Camilo: Leandro Soares. Este, por sua vez, é loucamente fascinado por Isabel, de modo a tentar matar, em promessa, qualquer homem que ouse “roubar sua amada”. Quando Camilo consegue, através de tentativas extremas de conquista, entrar em um compromisso amoroso com Isabel, ele acaba se deparando com o instinto vingativo e assassino de Leandro Soares. Mas ele (Camilo), por meio de uma excelente retórica, convence o quase assassino de não praticar a ação de matá-lo, bem como faz com que o seu amigo/rival consinta em deixar o casamento entre o casal mencionado acontecer.

Essa é uma sinopse, por assim dizer, do referido conto machadiano. Durante o texto, o autor critica, veladamente, a trivialidade do casamento, da política, do status social, das festas públicas, entre outras temáticas similares. Uma vez que, nas primeiras produções de Machado de Assis, sabe-se que ele “mobilizava seu esforço sobre a célula familiar, o indivíduo” (MASSA, 1971). Ou seja, *A*



parasita azul, apesar de já ter um forte diferencial do autor em criticar a sociedade, conforme a singeleza artística que Machado dispunha, também era um texto para agradar a família, por isso a temática ainda romântica que se faz presente no texto. Todavia, nota-se que os personagens principais não são construídos como perfeitos exemplos de heróis ou mocinhos. Na verdade, Camilo e Isabel aparentam ser pessoas ora envolvidas sentimentalmente, ora estrategistas em selecionar o partido mais adequado para manter ou melhorar uma condição social por meio do matrimônio.

Nesse sentido, Bosi (1999, p. 79), sobre Camilo e Isabel, informa que:

A novela chama-se ‘A parasita azul’. O que nela acontece, apesar da amenidade geral do tom, quase bucólico, é simplesmente isto: o herói finge, o herói mente, o herói despista para conquistar a amada e o pai desta. E o contexto deixa claro: ele não triunfaria se não mentisse. [...] Ela, por sua vez, recusa todos os pretendentes, parece um enigma, mas é apenas a falsa ingênua que encobre o desejo de casar com o melhor dos partidos possíveis. E quem, senão o próprio Camilo, médico, herdeiro de fazendas, futuro deputado, além de namorado seu na infância? Isabel já sabe que é preciso fingir-se fria e distante para excitar o gosto da conquista [...].

Assim, percebe-se que ambos os protagonistas não são exatamente detentores das melhores virtudes. Mas isso já evidencia o gosto de Machado de Assis em construir personagens com características psicológicas e comportamentais próprias da humanidade. Afinal, tais jogos de interesses aqui evidenciados estão tipicamente presentes na conduta humana de muitos povos, inclusive do brasileiro.

No quesito política, Machado de Assis ora ridiculariza bastante os personagens envolvidos com essa condição, ora com as próprias situações de teor político que aparecem no conto. Exemplo disso é a descrição das vestimentas do tenente-coronel Veiga que, apesar de estar trajado de maneira formal e elegante até o pescoço durante a Festa do Espírito Santo, ele também estava trajando, ridiculamente, uma coroa feita de papelão e papel dourado que não condizia com o seu vestuário. Em outro momento do conto, é mencionado que um outro personagem, de nome major Brás, fazia discursos toscos e enfadonhos, como uma forma de bajulação do tenente-coronel. O próprio comendador, pai de Camilo, ao explicar as razões pelas quais o filho deveria se tornar um ministro, simplesmente dizia que era bom ter tal cargo, ou seja, que “era bom ser ministro”, como maneira frívola de pertencer ou aprimorar algum status social.



4. O ASPECTO TRIANGULAR EVIDENCIADO NO CONTO “A PARASITA AZUL”

Por aspecto triangular, deve-se entender o fato de existir uma certa repetição de elementos em quantidade tripla que se ligam ou se associam durante a narrativa em questão, ou seja, três elementos que estão intrínsecos e que se complementam para a construção de uma engenhosidade estilística e textual do autor. Esse recurso criativo de Machado de Assis não está apenas relacionado ao quesito triângulo amoroso, como aparece em muitas obras dele, mas em outras situações, as quais iremos descrever a seguir:

Triangularidade relacional: No conto “A parasita azul” talvez se perceba um certo tipo de triângulo afetivo entre Isabel, Camilo e Leandro, apesar de ser um tanto quanto forçado esse entendimento. Contudo, sabe-se que Leandro mantém um forte sentimento de amor platônico por Isabel. Já ela, declaradamente, não sente nada de especial por ele, a não ser um sentimento de amizade. Se bem que Isabel possui, veladamente, uma certa postura de sedução para com os homens. Claro que Leandro ainda chega a anunciar para o seu amigo (Camilo) o quanto ele é apaixonado por Isabel. Todavia, ele (Camilo) não se importa com os sentimentos do seu conterrâneo. Assim, a situação amorosa acontece, de fato, apenas entre Camilo e Isabel.

Uma curiosidade nesse ponto é que, em outros contos de Machado de Assis, o nome “Camilo(a)” aparece como o da pessoa que interfere em algum tipo de relacionamento (conjugal ou fraternal) que esteja ou não estabelecido entre as personagens principais. Por exemplo, no conto “A cartomante” sabe-se que é o rapaz de nome Camilo que interfere no casamento de Vilela e Rita, tornando-se amante desta. No conto “Pílades e Orestes” uma mulher de nome Camila irá, involuntariamente, desestruturar uma amizade antiga (com ares subentendidos de homoafetividade) entre Quintanilha e Gonçalves. Já no conto “Uma senhora”, a personagem de nome D. Camila irá interferir nos relacionamentos da própria filha Ernestina, impedindo-a de se casar com dois pretendentes, mas não conseguindo prejudicar o relacionamento com o terceiro. Por fim, no conto analisado neste trabalho, nota-se que Camilo interfere no amor platônico (ou esperançoso de correspondência) que Leandro sente por Isabel.

Contudo, há ainda um outro tipo de triângulo afetivo no conto, se considerarmos os sentimentos de Camilo, já que ele se sente atraído por mulheres difíceis. Assim, em Paris ele é



apaixonado pela Princesa Russa, viúva do príncipe Alexis, enquanto que no Brasil ele fica fortemente enamorado por Isabel, filha do Dr. Matos. Essa questão da mulher se mostrar resistente a ele e, conseqüentemente, Camilo ficar irracionalmente apaixonado, é evidenciado em muitos momentos da narrativa, como no trecho:

– Oh! Não! Nunca, meu caro Alexis, nunca desonrarei a tua memória unindo-me a outro.

Isto eram punhais que dilaceravam o coração de Camilo. O jovem médico jurava por todos os santos do calendário latino e grego que nunca amara a ninguém como à formosa princesa. (ASSIS, 1873, p. 4).

Camilo estava apaixonado; no dia seguinte amanheceu pior; cada dia que passava aumentava a chama que o consumia. [...] a esquivança e os desdêns da moça não contribuíram pouco para esta transformação. (Ibidem, p. 16).

A obra, inclusive, informa que a Princesa russa possui os mesmos atributos e comportamentos de Isabel, ou seja, que ambas mulheres são belas, além de serem indiferentes para com os homens que as cortejam, sendo Camilo alguém com um pouco mais de chance do que os demais. O que permite a inferência de que ambas personagens eram mulheres interesseiras, seletivas. Contudo, no fim do conto, a princesa russa tem um final infeliz enquanto que Isabel tem o oposto, já que esta consegue se casar com alguém de posses e a primeira acaba sendo presa por dar golpes em rapazes ricos e ingênuos.

Triangularidade geográfica: Na obra em questão, percebe-se que a história principal ou mais relevante acontece em três lugares distintos: Paris, Rio de Janeiro e Santa Luzia. Uma vez que é em Paris onde Camilo se apaixona pela princesa russa, além de ter vivido alguns anos aos cuidados do seu padrinho enquanto cursava Medicina. No Rio de Janeiro é onde ele vai reencontrar o seu amigo/rival Leandro Soares. E Santa Luzia será o local em que ele encontrará e se apaixonará por Isabel, bem como será a cidade em que a maior parte do conto irá se desenvolver.

Aspecto triangular nos elementos simbólicos do sonho de Leandro: Enquanto regressavam para Santa Luzia, Leandro Soares relata ao seu amigo Camilo um sonho que teve e que o perturbara. Nesse sonho é descrito, entre outras coisas, três elementos simbólicos que servirão de gancho para o desenrolar da trama machadiana: uma *ribanceira*, um *cavalo* e um *chapéu*. Subjetivamente, entende-se que a ribanceira, no sonho, faz alusão ao caminho árduo necessário para se conquistar o coração de Isabel, em outras palavras, para conseguir tê-la em matrimônio. Como



Isabel está montada em um cavalo no referido sonho, entende-se, figurativamente, que ela está mantendo uma postura de desdém e de orgulho/prepotência, do olhar de cima, ou seja, de uma superioridade em relação a todos os seus pretendentes. Já o chapéu de Isabel corresponde justamente a um tipo de selo de dignidade de quem o conseguir pegar, ou seja, quem resgatar o chapéu da ribanceira conquistará o coração de Isabel, uma vez que esse relato “ilustra a relação simbólica entre o chapéu e seu portador, ou seja, a união que vai além da materialidade e da função protetiva, social ou de usualidade, pois o acessório está diretamente ligado aos pensamentos e ao mundo das ideias, sendo visto como integrante do corpo que o veste” (LENZI, 2015, p. 4). Nesse sentido, Leandro Soares não tem coragem de se lançar no abismo/ribanceira para recolher o chapéu de Isabel, portanto ele não é digno de se casar com ela e, de fato, não é isso que ocorre no desfecho do conto. Entretanto, no sonho, Camilo tem essa coragem e se precipita em pegar o chapéu da donzela nas águas violentas da ribanceira, constituindo-se digno da protagonista. Assim, em estado de perplexidade, Isabel cai do cavalo, o que demonstra, interpretativamente, que seu orgulho foi vencido por Camilo. De modo que, ao término do conto, realmente Isabel e Camilo tornam-se cônjuges.

Aspecto triangular em termos/palavras provenientes da religiosidade católica: Nesse quesito, é oportuno apontar três nomes da tradição religiosa cristã católica que veiculam no conto e que, em certo momento, coincidem para que haja uma mudança no ponto de vista de Camilo sobre o amor e sobre Goiás. Estes nomes são: *Santa Luzia*, *Espírito Santo* e *Isabel*. O primeiro corresponde ao nome de uma cidade do estado de Goiás em que Machado de Assis quis elaborar o seu texto. Por si só esse nome já tem uma certa importância, visto que Machado recorria usualmente mais a cidade do Rio de Janeiro do que outras localidades em suas produções. Espírito Santo é o nome da festa em que esta cidade está alvoroçada no período em que Camilo chega de viagem. Por fim, Isabel é o nome da nova amada de Camilo.

Segundo a tradição católica, Santa Luzia é o nome da santa protetora dos olhos. Coincidentemente, é na cidade com o nome desta santa que Camilo muda seu ponto de vista sobre o amor, esquecendo-se da princesa russa e se apaixonando por Isabel; negando a si o saudosismo da França e concentrando-se no Brasil. Além disso, o caminho para a concretização desse sentimento por parte do jovem médico é trilhado justamente pela troca de olhares que ele tem com a referida donzela.



Já a Festa do Espírito Santo corresponde, na Bíblia, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Paralelamente, do mesmo modo que ocorre na obra do “Santo Graal”, ou seja, em que os cavaleiros do Rei Arthur esperavam que algo de excepcional ou fantástico ocorresse nas vésperas desta celebração ou até mesmo no próprio dia, no conto “A parasita azul” também acontece algo do tipo, uma vez que é nas vésperas dessa data que Isabel mostra-se altamente enigmática, inclusive quando Camilo faz uma associação mental dela com o diabo e que, fantasticamente, ela meio que responde as falas imperceptíveis/mentalizadas de Camilo.

Casualmente, e pela primeira vez, olhava Isabel para o filho do comendador. Pespicação ou adivinhação, leu-lhe no rosto esse pensamento oculto; franziu levemente a testa com uma expressão tão viva de estranheza, que o médico ficou perplexo e não pode deixar de acrescentar, já então com os lábios, à meia voz, falando para si:

– Ou fala com o diabo.

– Talvez, murmurou a moça com os olhos fitos no chão.

Isto foi dito assim, sem que os outros dois percebessem. Camilo não podia desviar os olhos da formosa Isabel, meio espantado, meio curioso, depois da palavra murmurada por ela em tão singulares condições. (ASSIS, 1873, p. 11).

Mais uma vez, fazendo alusão a obra do “Santo Graal”, é cabível informar, neste último livro, que há a existência de mulheres que aliciavam sexualmente os homens, ou que eram, até mesmo, manifestações do próprio diabo para o ato de sedução (ZIERER, 2009). Do mesmo modo Isabel é caracterizada, aqui nesse trecho, como alguém que chama a atenção de Camilo, se bem que ela seduz veladamente. Além disso, ela também é apontada como alguém que, por coincidência da situação, compactua com o diabo, pelo menos aqui nessa passagem.

Por conseguinte, no próprio dia da Festa do Espírito Santo, surge um homem no meio da comemoração para falar ao ouvido de Camilo sobre coisas que só o jovem médico observava e pensava acerca de Isabel. Novamente o aspecto do fantástico se mostra aqui, uma vez que esse homem é descrito quase como se fosse um duende: “[...] um homem baixinho e magro, de olhos miúdos e vivos, pobre mas asseadamente trajado” (ASSIS, 1873, p. 14) e pratica ações também supostamente fantásticas, como o ato de adivinhação e o de surgir e sumir como se fosse mágica perante a presença de Camilo. Todavia, durante o decorrer do conto, é evidenciado que ele, de fato, não era um duende ou coisa similar, e sim um ser humano normal. Afinal, Machado de Assis brinca



muito com o leitor nesse conto, ora confirmando, ora desconstruindo as expectativas que o público receptor vai fazendo durante a leitura.

Por fim, tem-se Isabel, cujo nome também está presente na Bíblia, de modo que a personagem da tradição cristã fez algo impossível para seu esposo (Zacarias), por meio da intervenção divina, que foi dar-lhe um filho, mesmo sendo ela uma mulher de idade avançada. No conto machadiano, Isabel também fez algo que parecia ser impossível para o leitor, que era fazer com que Camilo voltasse a querer ficar no Brasil, ou até mesmo deixar de amar a princesa russa, ou mais: fazer com que Camilo, um homem que sempre teve tudo a sua disposição e vontade, se esforçasse tanto para conquistar uma mulher, inclusive tentando, supostamente, se matar.

Esses três nomes, conforme demonstrando, estão relacionados à tradição católica. Assim, quando eles foram consecutivamente trabalhados, eles igualmente foram os responsáveis, no conto, para o desenrolar da história. Em outras palavras: Foi somente pela descoberta do sentimento de amor por Isabel, ocorrida na festa do Espírito Santo, na cidade de Santa Luzia, que o desfecho da aventura de Camilo aconteceu. A ordem inversa também é verdadeira, ou seja, foi somente pelo fato de Camilo regressar à Santa Luzia, ter participado da Festa do Espírito Santo, que ele se percebeu apaixonado por Isabel.

Triangularidade na temporalidade da narrativa (início, meio e fim): No conto em análise, percebe-se que a narrativa começa pelo meio da história, ou seja, no momento em que Camilo está aportando em terras brasileiras. Após essa parte, o narrador direciona o leitor para o passado de Camilo (nascimento dele, o seu apadrinhamento pelo naturalista francês e a viagem e estadia de Camilo em Paris), contando a história, dessa vez, por uma perspectiva linear, o que poderia corresponder ao início da narrativa, mas não o é como se sabe. Somente em seguida é que o narrador irá voltar-se novamente para o tempo presente (a chegada de Camilo no Brasil) para, assim, terminar o relato ficcional (ida para Santa Luzia em Goiás, bem como sua estadia nessa cidade), correspondendo ao fim da trama. Em outras palavras, Machado de Assis brinca, nesse conto, com a estruturação temporal de se contar uma história, “ele cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa, lembrando ao leitor que atrás dela estava a sua voz convencional” (CANDIDO, 2011, p. 22). Ele perpassa pelos três tempos da narrativa de forma não linear ou sequencial. Esse recurso também se constitui como engenhosidade criativa e estilística do autor nessa produção.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis foi, sem dúvida, um importante escritor brasileiro, cuja reputação literária ultrapassou os limites territoriais do Brasil, sendo fortemente estudado por outras pessoas de outros países. Suas obras são surpreendentes e que, apesar, muitas vezes, de temáticas simples, são de uma engenhosidade textual ímpar no modo de se narrar uma história.

Em muitas das suas produções, ele critica ou descreve o que há de mais espiritual no interior humano, nesse vasto mundo da psicologia e filosofia existencial, construindo personagens que não são meramente superficiais ou recorrentes. Todas elas são únicas e especiais nessa crítica ora velada ora descarada que ele faz da sociedade e da humanidade em si.

No conto analisado, percebeu-se que, dentre outros recursos estilísticos do autor, o aspecto da triangularidade se fez presente em descrições diversas da narrativa. Descrições essas evidenciadas ou subentendidas no desenrolar do conto/novela. De modo que esse aspecto de conexão entre elementos triplos para se fazer um todo específico vai desde a construção sentimental das personagens até as muitas outras situações da própria narrativa.

6. REFERÊNCIAS

A Demanda do Santo Graal: manuscrito do século XIII. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1988.

ASSIS, Machado de. A parasita azul. In: **Histórias da meia-noite**. 1873. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000186.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

_____. **A cartomante**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000257.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

_____. **Pílades e Orestes**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000252.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

_____. **Uma senhora**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000204.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 1999.



CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

LENZI, Gabriela Poltronieri. Simbolismo e personificação: uma história entre chapéus e ideias. In: COLÓQUIO DE MODA, 11, 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: ABEPEN, 2015. p. 1-10. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/11-Coloquio-de-Moda_2015/COMUNICACAO-ORAL/CO-EIXO3-CULTURA/CO-3-SIMBOLISMO-E-PERSONIFICACAO.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2016.

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MATOS, Mário. Machado de Assis, contador de histórias. In: **Obra completa**. Vol II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

Santa Luzia: protetora dos olhos. In: Catolicismo Romano, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.catolicismoromano.com.br/content/view/766/28/>>. Acesso em 30 jul. 2016.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. Imagens femininas n'A Demanda do Santo Graal. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-11. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1281.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2016.